

Deixa-me começar de novo.

Querida Mãe,

Escrevo para chegar a ti — ainda que cada palavra que registro seja uma palavra mais longe de onde estás. Escrevo para regressar a essa vez, na estação de serviço da Virgínia, em que ficaste a olhar, aterrorizada, para o veado empalhado que tinham pendurado por cima da máquina de bebidas, junto às casas de banho, cujos chifres te ensombravam o rosto. No carro, não paravas de abanar a cabeça. “Não percebo por que motivo fizeram aquilo. Não percebem que é um cadáver? Um cadáver deve desaparecer, em vez de ficar preso daquela maneira para sempre.”

Penso agora naquele veado, em como observavas os seus olhos pretos de vidro e vias o teu reflexo, o teu corpo inteiro, deformado nesse espelho sem vida. Em como não era a exibição grotesca de um animal decapitado que te perturbava — mas o facto de a taxidermia representar uma morte que nunca iria terminar, uma morte que continuaria a morrer enquanto passávamos à sua frente para fazer as nossas necessidades.

Escrevo, porque me disseram para nunca começar uma frase com *porque*. Mas não tentava formar uma frase — tentava libertar-me. Porque a liberdade, dizem-me, é apenas a distância entre o caçador e a sua presa.

\*

Outono. Algures sobre o Michigan, uma colónia composta por mais de quinze mil borboletas-monarcas inicia a sua migração anual para sul. Ao longo de dois meses, entre setembro e novembro, estas borboletas vão deslocar-se, um bater de asas de cada vez, do sul do Canadá e dos Estados Unidos para o centro do México, onde permanecerão durante o inverno.

Pousam entre nós, em peitoris e cercas de arame, em cordas de roupa ainda desfocadas pelo peso da roupa acabada de pendurar, no capô de um *Chevy* azul desbotado, dobrando lentamente as asas, como se as guardassem, antes de partir outra vez.

Basta uma só noite de geada para matar uma geração. Viver é, pois, uma questão de tempo, de saber calcular o tempo.

Uma vez, com cinco ou seis anos, quis pregar-te uma partida, saltando de trás da porta do corredor, enquanto exclamava: “Bum!” Primeiro gritaste, com o rosto baixo e desfeito, depois começaste a soluçar, encostada à porta e agarrada ao peito, ofegante. Fiquei ali perplexo, com o meu capacete de brincar inclinado sobre a cabeça. Era um rapaz americano a imitar o que vira na televisão. Não sabia que a guerra ainda estava dentro de ti, que houvera sequer uma guerra, que assim que ela entra numa pessoa nunca mais sai — limita-se a ressoar, tornando-se um som com o rosto do próprio filho. Bum.

Uma vez, no terceiro ano, com a ajuda da Sra. Callahan, a minha professora de inglês língua não materna, li o primeiro livro de que gostei, um livro para crianças chamado *Thunder Cake*, de Patricia Polacco. Na história, quando uma menina e a avó veem uma tempestade a surgir ao longe, em vez de fechar as janelas ou de pregar tábuas nas portas, decidem fazer um bolo. Fiquei desconcertado com aquele ato, com a sua precária mas arrojadada recusa do bom senso. Com a Sra. Callahan parada atrás de mim, falando-me quase ao ouvido, sentia que mergulhava cada vez mais fundo na corrente da linguagem. A história desenrolava-se, a tempestade aproximava-se à medida que ela falava, depois aproximava-se de novo quando eu repetia as palavras.

Fazer um bolo no olho do furacão; alimentar-se de açúcar no limiar do perigo.

Devia ter quatro anos, quando me bateste pela primeira vez. A mão, um clarão, um ajuste de contas. A minha boca uma explosão de toque.

A vez em que tentei ensinar-te a ler como a Sra. Callahan me ensinara a mim, com os meus lábios junto ao teu ouvido, a minha mão sobre a tua, as palavras a moverem-se sob as sombras que projetávamos. Mas aquele ato (um filho a ensinar a mãe) invertia as nossas hierarquias, e conseqüentemente as nossas identidades, que neste país já eram ténues e limitadas. Após muitos balbucios e falsas partidas, com as frases deformadas ou presas na tua garganta, após a vergonha do fracasso, fechaste o livro bruscamente. “Não preciso de ler”, disseste, com uma expressão vencida, e afastaste-te da mesa. “Posso *ver* — bastou até agora, não foi?”

Depois a vez com o comando da televisão. Um vergão de sangue pisado no meu antebraço, sobre o qual mentia aos professores. “Caí enquanto jogava à apanhada.”

A vez, aos quarenta e seis anos, quando tiveste um súbito desejo de colorir. “Vamos ao Walmart”, disseste-me uma manhã. “Preciso de livros para colorir.” Durante meses, encheste o espaço entre os teus braços com todas as tonalidades que não sabias pronunciar. *Magenta, escarlate, amarelo-torrado, cinzento-escuro, verde-seco, cor de canela*. Debruçavas-te todos os dias, durante horas, sobre paisagens com quintas, pastagens, Paris, dois cavalos numa planície varrida pelo vento, o rosto de uma rapariga de cabelo preto e pele que deixaste por pintar, em branco. Penduravas depois as imagens por toda a casa, que começou a parecer uma sala de aulas da primária. “Porquê colorir, porquê agora?”, perguntei-te. Pousaste o lápis azul-safira e olhaste, com ar sonhador, para o jardim ainda não terminado. “Perco-me nisto durante algum tempo”, respondeste, “mas sinto tudo à mesma. Continuo aqui, nesta sala.”

A vez em que me atiraste a caixa de legos à cabeça. A madeira salpicada de sangue.

“Alguma vez criaste uma cena”, perguntaste-me, enquanto preenchias uma casa de Thomas Kinkade, “e te colocaste depois lá dentro? Alguma vez te viste por detrás, avançando cada vez mais longe e mais fundo nessa paisagem, afastando-te de ti mesmo?”

Como te podia explicar que aquilo que descrevias era a escrita? Como te podia dizer que nós, no fundo, estamos tão próximos, e que as sombras das nossas mãos em duas páginas diferentes se confundem?

“Desculpa”, disseste, enquanto tratavas o corte na minha testa. “Vai buscar o casaco. Levo-te ao McDonald’s.” Com a cabeça a latejar, fui mergulhando os pedaços de frango frito no *ketchup* enquanto me observavas. “Tens de ficar mais crescido e mais forte, está bem?”

Ontem reli o *Diário de Luto* de Roland Barthes, o livro que ele escreveu todos os dias ao longo de um ano após a morte da mãe. *Conheci o corpo da minha mãe doente, e depois moribunda\**, escreve ele. E foi aí que parei. Foi aí que decidi escrever-te. A ti que continuas viva.

Aqueles sábados no fim do mês em que íamos ao centro comercial, quando te sobrava algum dinheiro depois de pagar as contas. Há quem se vista para ir à missa ou jantar fora; nós vestíamos-nos a rigor para ir a um centro comercial na I-91. Acordavas cedo, passavas uma hora a maquilhar-te, punhas o teu melhor vestido preto de lantejoulas, o teu único par de argolas de ouro, os sapatos de *lamé* preto. Depois ajoelhavas-te e espalhavas uma mão-cheia de gel no meu cabelo, antes de o pentear.

Se um desconhecido nos visse ali, nunca imaginaria que fazíamos as nossas compras no minimercado da Franklin Avenue,

\* Roland Barthes, *Diário de Luto*, tradução de Miguel Serras Pereira, Lisboa, Edições 70, 2000, pág. 12. (N. T.)

onde o chão da entrada estava coberto de recibos de vales-refeição, onde produtos básicos como o leite e os ovos custavam três vezes mais do que nos subúrbios, onde as maçãs, enrugadas e tocadas, eram colocadas numa caixa de papelão com o fundo ensopado em sangue de porco que escorrera da caixa de costeletas há muito descongeladas.

“Vamos comprar chocolates finos”, dizias, apontando para a loja da *Godiva*. Recebíamos um pequeno saco de papel com cerca de cinco ou seis quadrados de chocolate escolhidos ao acaso. Muitas vezes era a única coisa que comprávamos no centro comercial. Depois andávamos por ali, passando o chocolate entre nós até termos os dedos sujos e doces. “Isto é que é gozar a vida”, dizias, chupando os dedos, com o verniz cor-de-rosa já lascado de uma semana a fazer pedicuras.

A vez com os punhos, aos gritos no parque de estacionamento, enquanto o sol do entardecer te tingia o cabelo de vermelho. Os meus braços a tentarem proteger a cabeça dos nós dos teus dedos que me assediavam.

Nesses sábados, passeávamos pelos corredores até que, uma por uma, as lojas corriam as suas cortinas metálicas. Caminhávamos então até à paragem de autocarro no final da rua, com as respirações condensadas à nossa volta e a maquilhagem a secar-te no rosto. Com as mãos sem nada, exceto as mãos um do outro.

Esta manhã, pouco antes do nascer do dia, vi da minha janela um veado parado no meio de um nevoeiro tão denso e brilhante que o segundo, não muito longe, parecia a sombra inacabada do primeiro.

Podes colorir esta cena. Podes chamar-lhe “A História da Memória”.

A migração pode ser desencadeada pelo ângulo da luz solar, que indicia uma mudança de estação, temperatura, vegetação e fontes de alimento. As borboletas-monarcas fêmeas vão pondo